

Multinacionais mantêm planos

Investimento nos próximos anos é de US\$ 5 bilhões

Reinaldo Ramos

SÃO PAULO — As principais empresas estrangeiras instaladas no país vão investir no mercado brasileiro pelo menos US\$ 5 bilhões nos próximos anos, qualquer que seja o resultado do turno decisivo das eleições presidenciais. A informação faz parte de documento confidencial do governo norte-americano, que confirmou a intenção de investimentos de 22 multinacionais com sedes na Alemanha, nos Estados Unidos, na França e no Japão.

Segundo o presidente do Moinho Pacífico, Lawrence Pih, que teve acesso ao documento, essas empresas confirmaram investimentos no Brasil de US\$ 3,4 bilhões até 1992. "Isso mostra que a situação brasileira é diferente da argentina. Aqui as multinacionais não vão suspender investimentos", disse Pih.

Outras demonstrações de que a vitória, no dia 17, de Luís Inácio Lula da Silva, do PT, ou de Fernando Collor de Mello, do PRN, não assusta as multinacionais foram feitas recentemente. A Autolatina, *holding* que controla a Volkswagen e a Ford, e que possui o maior faturamento entre os grupos estrangeiros instalados no país, anunciou anteontem investimentos de US\$ 1,5 bilhão nos próximos cinco anos, decisão que dever ser seguida por praticamente todas as montadoras de veículos, sobretudo porque há a expectativa de que, a partir de 1995, outras multinacionais do setor automobilístico também participem do mercado brasileiro.

Como a Autolatina, várias empresas que não constam do documento do governo norte-americano também estão declarando seu planos. Até 1992, a Nestlé, segunda empresa do setor de alimentos, e a Basf, 13ª colocada na área de química e petroquímica, vão investir, respectivamente, US\$ 250 milhões e US\$ 240 milhões. Embora mais cautelosa, a Siemens, que detém o segundo faturamento na área de equipamentos eletromecânicos, e a

Hoechst, também a segunda colocada na área de produtos químicos, estão dispostas a ampliar seus investimentos: em 1990, a Siemens vai aplicar US\$ 42,3 milhões em novos produtos e a Hoechst, US\$ 17 milhões na ampliação de sua fábrica de polímeros e fios de poliéster de Osasco (SP).

Mas é a Rhodia, primeiro lugar do setor de produtos químicos, a empresa que maior confiança demonstra no futuro da economia brasileira, independente de quem seja o próximo presidente da República. Subsidiária do grupo francês Rhone Poulenc, a multinacional vai investir, segundo o relatório do governo norte-americano, US\$ 520 milhões no Brasil, nos próximos três anos. Os planos da empresa vão além: ela já confirmou a intenção de aplicar US\$ 2 bilhões no país até o ano 2000, dos quais US\$ 120 milhões no próximo ano.

As declarações públicas do presidente da Rhodia, Edson Vaz Musa, reforçam os números. Como parte dos investimentos serão utilizados em aquisições, Musa, brincando, sugeriu aos 800 mil empresários que, segundo Mário Amato, presidente da Fiesp, deixarão o país em caso da vitória do candidato do PT, que o procurem, ofertando suas empresas.

Tranquilidade — As entidades que congregam os grupos estrangeiros também refletem a tranquilidade demonstrada por seus associados em relação ao futuro econômico do país. O vice-presidente executivo da Câmara Americana de Comércio, Jonh Mein, lembra que muitas empresas de capital norte-americano estão instaladas em países com ambientes políticos muito mais complicados do que o Brasil e, nem por isso, suspenderam investimentos. Segundo ele, a decisão de investir depende muito mais da oportunidade de se explorar o potencial econômico do setor em que atuam do que das de eventuais mudanças políticas.

Main citou empresas como a Caterpillar, principal produtora de máquinas rodoviárias no país; Alcoa, primeira colocada do setor de fundição de alumínio; e Dow Química, quarta do ramo petroquímico, como exemplos de associadas que estarão investindo no país nos próximos anos. Só a Caterpillar, de acordo com o documento, aplicará US\$ 475 milhões até 1992.